

Um retrato de Sines no ano em que Joaquim Guerrinha nasceu

No ano em que Joaquim Guerrinha, o concertista cego e defensor da causa tiflológica nasceu, Sines era uma vila do concelho de Santiago do Cacém. Neste artigo procuramos fazer um retrato da vila de Sines nesse já longínquo ano de 1913. Em Abril faz-se a apresentação do livro *Uma Luz na História – Joaquim Guerrinha (1913-1976). Um Verdadeiro Impulsionador da causa dos Cegos em Portugal*, de Dalila de Jesus Guerrinha.

Sines era uma vila pequena, único lugar de importância da freguesia do mesmo nome, mas uma localidade relevante no concelho de Santiago do Cacém, ao qual fora anexada em 1855. No censo de 1911 contam-se 4818 habitantes, um número a crescer desde a segunda metade do século XIX. O concelho viria a ser restaurado em 1914, no entusiasmo pelo desenvolvimento da vila em torno do caminho-de-ferro que só chegou na década de trinta e pelas melhorias no porto, essas só verificadas a partir da década de setenta.

Cerca de um terço da população masculina trabalhava no sector corticeiro, nas nove fábricas existentes em 1912. A indústria corticeira instalou-se na vila no século XIX com capitais ingleses, sendo que em meados do século laboravam já três fábricas, as quais empregavam 72 operários e conseguiam carregar vinte navios com cerca de 19400 toneladas. No final do século instalaram-se industriais corticeiros catalães, e, em 1908, já laboravam cinco fábricas com cerca de quatrocentos operários. A Herold, a Prats, a Francisco Bigas, a Bucknall e a Arps são exemplos.

Além das fábricas de cortiça, cuja instalação era potenciada pelo porto e pela proximidade do montado de Grândola, havia trabalho na pesca e na indústria da conserva. A fábrica Canha e Formigal é um dos exemplos das conserveiras de Sines.

No entanto, a situação social em Sines era turbulenta, sem que a implantação da República em 1910 contribuisse para serenar os ânimos. Em 1908, 1909, 1911, 1911 e 1912 os operários entraram em greve por melhores salários ou por condições mais favoráveis para a indústria; em 1916 é a vez dos operários das armações de pesca, em plena Grande Guerra.

A situação não melhora nos anos seguintes, especialmente devido à eclosão da Grande Guerra. Face à perda dos mercados alemães e belgas, as indústrias em Sines correm sérios riscos de encerrar, laborando por vezes quatro ou três dias por semana.

Em Setembro de 1914 o porto está quase paralisado com a retracção da exportação de cortiça. Alguns dos industriais, como José Prats, o catalão que ofereceu a Sines o Sanatório Pratz, vêm as suas fábricas serem encerradas por falta de mercados e de matéria-prima, ou porque continuavam a exportar os seus produtos para a Alemanha.

Para além disso, a crise das subsistências e o problema da carestia de vida dificulta ainda mais as condições de vida em Sines. O açambarcamento de géneros como os cereais e peixe, conflitos entre os habitantes, não deixam de aqui se verificar, tal como marcaram um período conturbado em Portugal e na Europa.

Mesmo assim, a praia era grande e a sua areia branca, o pontal marcava a imaginação dos visitantes, a vila acabava na Estrada Nova (Rua Marquês de Pombal). E as gaivotas espalhavam o seu riso pelas casas, pelo areal e pelo mar...

Para saber mais...

Para conhecer a vila de Sines nos finais do século XIX e inícios do século de XX não deixe de ler o romance *Elle*, de Cláudia de Campos:

CAMPOS, Cláudia de Campos – *Elle: com retrato da auctora*. 2ª edição. Sines: Câmara Municipal de Sines, 1997.

Sobre as movimentações sociais em Sines na segunda década de Sines leia com proveito:

MADEIRA, João, " A Greve dos Corticeiros em Sines em 1908" , in *História*, primeira série, nº 87, Janeiro de 1986, pp. 49-58.

- "Os Corticeiros e o sindicalismo em Sines (1910 – 1914) " , in *História*, primeira série, nº. 142, Julho de 1991, pp. 32-49.

SILVA, Sandra – *Movimentos Sociais em Sines e a Questão dos Abastecimentos durante a Grande Guerra*. Coimbra, Faculdade de Letras, 2005.

Sandra Patrício